

ASPECTOS ACERCA DO PERFIL DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ASSOCIAÇÕES COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Sheyla Maria Rodrigues da Silva ¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar os aspectos contidos nos posicionamentos dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Pontuando as implicações notáveis no decorrer da pesquisa. Os pressupostos teóricos que respaldam essa pesquisa são Fávero e Freitas (2011); Ferreira e Campo (2017) e entre outros. A metodologia utilizada está pautada na descrição dos posicionamentos dos sujeitos por meio da técnica associada com o estudo de caso. Os resultados obtidos interligam-se com as concepções tanto dos/as autores/as quanto das questões explanadas por meio dos sujeitos em potencial da Educação de Jovens e Adultos, sendo possível compreender as questões interligadas com a formação docente.

Palavras-chave: Sujeitos da EJA; Formação Docente; Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo identificar por meios das falas dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA em potencial, quais foram seus reais motivos por nunca terem frequentado um ambiente escolar ou até mesmo terem frequentado, mas não se mantiveram nesses espaços.

Sendo assim, para esboçar a problemática desta pesquisa destaco a seguinte questão referente a quem são sujeitos da EJA? No entanto para o entendimento do aspecto apresentado, foi utilizada como técnica um estudo de caso, pois o desenvolvimento desta pesquisa ocorreu nas residências dos sujeitos, visando através de uma entrevista escutar esses sujeitos.

Neste contexto uns dos instrumentos utilizados foi um questionário semiestruturado. Nas quais, as perguntas foram todos direcionadas para estes sujeitos, sendo assim, as informações coletas foram gravadas em um aparelho telefônico com a permissão dos entrevistados.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, sheylarodrigues63@gmail.com.

Nesta perspectiva, foram utilizados como embasamento teórico os escritos de Moura²; Fávero e Freitas (2011); Ferreira e Campo (2017) e Coura³. Buscando por meio dos seus posicionamentos, compreender os aspectos inseridos na temática destacada neste trabalho acadêmico.

Os resultados das discussões apontam para o entendimento do contexto social destes sujeitos de EJA juntamente com as políticas públicas voltadas para esta modalidade ensino. Abordando as demandas que envolvem a formação dos (as) educadores (as) com suas especificidades.

Obtenho um caráter descritivo da entrevista com esses sujeitos, pois as contribuições e os sentimentos durante e após a entrevista serão evidenciados nos próximos tópicos. Destacando os motivos que

METODOLOGIA

A metodologia utilizada está pautada na descrição dos relatos dos sujeitos em potencial da EJA. Na qual, utilizamos para a coleta de dados um questionário semiestruturado, visando por meio da entrevista, compreender por meio da escuta dos sujeitos as impressões e as nuances obtidas durante a permanência no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, a técnica utilizada pode associar com a etnografia através do estudo de caso, sendo assim:

Descrever e caracterizar estudos de caso não é uma tarefa fácil, pois eles são usados de modos diferentes, com abordagens quantitativas e qualitativas, não só na prática educacional, mas também como modalidade de pesquisa, com aplicação em muitos campos do conhecimento, principalmente na Medicina, Psicologia e em outras áreas da saúde, e também nas áreas tecnológicas, humanas e sociais, entre outras. (VENTURA, 2007, p. 383)

Pois, por meio da afirmação de Ventura, ressaltamos as contribuições que este estudo promoveu para o entendimento da problemática destacada nesta pesquisa. Essa pesquisa teve duração de seis meses, na qual foram determinantes para compreendemos os resultados alcançados.

² O ano da publicação do escrito não contém no mesmo. A educadora da eletiva Educação de Jovens e Adultos – EJA do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, ficou de informar a turma, mas até o dado momento não obtivemos esta informação.

³ O ano da publicação do escrito não contém no mesmo. A educadora da eletiva Educação de Jovens e Adultos – EJA do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, ficou de informar a turma, mas até o dado momento não obtivemos esta informação.

DESENVOLVIMENTO

Abordamos as concepções de Ferreira e Campos (2017, p.68), referente à educação popular na EJA, visto que, “a EJA como educação popular é um direito a ser conquistado”, sendo assim, para compreendemos essa afirmação tanto do escrito de Fávero e Freitas quanto do de Ferreira e Campos, são abordadas as questões que antecedem essa concepção da EJA como Educação Popular, ou seja, na efervescência da década de sessenta com o desenvolvimento dos movimentos sociais, o debate sobre Educação começava a permeia no governo. Havendo, neste contexto um novo olhar sobre a educação de adultos juntamente com a redefinição do “conceito de alfabetização voltado apenas para ler, escrever e contar” (FÁVERO; FREITAS. 2011 p.370).

Outro aspecto inserido nessa discussão está relacionado com a metodologia de ensino e formação de professor, questão essa que envolve uma problemática, pois a formação de professores da EJA tem suas especificidades e nesse contexto de ensino profissional/técnico não era contemplada está formação. Podemos afirma que a EJA nasce nos movimentos sociais, na educação popular com as concepções de Paulo Freire.

Percebemos que uns dos princípios evidenciados por Paulo Freire estão interligados com a conscientização do sujeito, com os assuntos inseridos na realidade destes sujeitos educativos de EJA, com as problemáticas que os possibilitaram as desistências nos ambientes educativos, buscando assim, entendê-las e por meio desse entendimento atrair esses sujeitos da EJA para os espaços institucionais.

Surgindo nesta perspectiva uma nova definição, que visa redefinir a EJA, tirando todo o caráter de uma educação voltada para a profissionalização. Surgindo uma urgência em reinventar a Educação de Jovens e Adultos, pois nos respaldos constitucional a EJA já é contemplada, ou seja, “a EJA é uma modalidade de ensino escolar com uma construção histórica singular, por isso é importante situá-la e compreendê-la no seu percurso de existência” (FERREIRA E CAMPOS 2017, p.69) abrangendo assim, esse caráter de entendimento histórico. Porém, na ênfase da reinventar a EJA, é pontuando por meio dos posicionamentos dos (as) autores (as) os aspectos inseridos na Educação Popular.

Mediante a esses aspectos podemos compreender a importância deste ensino voltado para a “reinvenção de currículos e de práticas, que sejam humanizadoras no contexto

da EJA” (FERREIRA E CAMPOS 2017, p.71) articulando com a proposta de romper com as campanhas de alfabetização.

Pontuaremos a seguir as questões interligadas com os sujeitos em potencial da EJA, buscando assim destacar ponderações a respeito do perfil desses sujeitos, portanto as informações que serão destacadas a seguir foram coletadas através de uma entrevista e todos os dados expostos foram autorizados pelos entrevistados.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Mediante a entrevista com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, destacamos que foram dois sujeitos entrevistado ambos em faixa etária diferenciada. Sendo um adulto (de 30 a 59 anos) e um idoso (de 60 em diante), os mesmo são residentes da área rural, são cuidadores de seus lares.

A entrevistada Maria⁴, reside na Cidade de Messias/AL, sua faixa etária é entre 30 a 59 anos. Maria é viúva, tem cinco filhos e também os incentivou a estudar. Apenas um de seus filhos é graduado. Atualmente o mais novo ingresso no Ensino Médio. Em sua residência ela é a única que não sabe ler e nem escrever.

Sua rotina é cuidar dos seus netos, pois a sua filha (mais velha) é casada e trabalhar. E ao mesmo tempo se dedica aos afazeres domésticos. A mesma começou a trabalhar na adolescência (13 anos) como empregada doméstica. Mas, atualmente não trabalhar em outro lugar a não ser na própria casa.

A segunda entrevistada Joana⁵ mora no bairro do Tabuleiro do Pinto na cidade de Rio Largo/AL, sua faixa etária é de 60 em diante. Joana é casada, tem três filhos (todos casados) mora apenas ela e o esposo e atualmente está cuidando do neto (2 anos), pois é o mesmo motivo de Maria, a filha dela também trabalha. Referente à formação dos seus filhos ela não relatou nada a respeito apenas mencionou que sempre os incentivou para que estudassem.

Sua rotina basear-se em cuidar do neto, dos afazeres domésticos, ir à igreja alguns dias durante a semana e nos finais de semanas. Joana não trabalha e apenas na adolescência que trabalhava para ajudar seus pais. Mas a mesma sabe ler e escrever excerto seu esposo.

As entrevistadas mesmo morando em cidades diferentes em suas falas são notáveis a semelhança nos dados destacados. Ambas começaram a trabalhar na adolescência, por motivos familiares. Mas, Maria em sua infância e adolescência não frequentou nenhuma

⁴ Nome fictício, para não expor à entrevistada.

⁵ Nome fictício, para não expor à entrevistada.

Instituição de Ensino, no entanto, Joana frequentou a escola até a 4ª série do Fundamental I, hoje intitulado com quinto ano. Posteriormente abordaremos alguns aspectos acerca das entrevistas com os sujeitos em potencial da EJA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por intermédio desta pesquisa, podemos destacar que foram identificados nos relatos dos dois sujeitos de Educação de Jovens e Adultos – EJA em potencial, alguns aspectos explícitos e implícitos nas suas falas. Visto que, os embasamentos teóricos proporcionou o entendimento dessas questões que serão apresentadas mais adiante.

Antes de ressaltar as questões das entrevistadas, destacamos o seguinte conceito referente aos sujeitos da EJA do ponto de vista sociocultural:

São jovens e adultos do campo e da cidade excluídos da escola quando criança e ou adolescentes e excluídos dos outros bens sociais produzidos. Os do campo geralmente são trabalhadores rurais ou pequenos agricultores filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar, muito frequentemente analfabeto. (MOURA, p.02)

Neste contexto, abordamos que as concepções dos (as) autores (as) condicionou-nos o entendimento do sujeito e do objeto pesquisado. Assim nos relatos das entrevistadas são notáveis as características que englobam os sujeitos da EJA. Sujeitos estes da classe trabalhadora que desde cedo seus direitos são negados.

Nessa perspectiva, abordamos as seguintes perguntas realizadas com a entrevistada Maria⁶, com intuito de compreender as nuances contida em sua trajetória escolar ou não escolar. As primeiras perguntas foram: Se a mesma é alfabetizada? Você acha importante ler e escrever? Por quê?

No aspecto geral da primeira pergunta a entrevista relatou que “*não é alfabetizada*” e destaque na sua fala a importância de escrever e ler: “*Acho, por que é uma coisa que a gente sabendo não vai pedir a ninguém*”. (MARIA, 2018).

Em sua fala percebemos que a dependência de alguém para ler ou escrever é algo desconfortante, pois os indivíduos que a “ajuda” em alguns momentos não desenvolve essa “ajuda” de maneira coerente, trazendo em suas ações alguns gestos que para o sujeito necessitado de tal ação é desconfortante, no caso aqui mencionado, para Maria abrange ao sentimento de desconforto.

⁶ Essa entrevista foi realizada na residência da entrevistada e gravada em um aparelho telefônico com permissão da mesma. Com duração de 45 minutos e 88 segundos.

Assim essas mesmas perguntas foram feitas a Joana⁷, na qual a mesma é alfabetizada, e estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental I, ela relata da seguinte maneira: *“gosto de ler, sempre leio as revista da canção nova e a bíblia, mas não gosto de escrever, tenho dificuldade em escrever, por isso que gosto de ler”*. (JOANA, 2018).

Tanto Maria quanto Joana foram específicas em suas respostas. Nesta perspectiva é evidente que ambas sabem da importância de ler e escrever, mas que as condições do seu contexto social as prejudicaram neste sentido. Mas, sabemos que Joana, mesmo diante das limitações e com o pouco tempo no ambiente escolar aprendeu a ler mais do que escrever.

Um dado interessante está vinculado com a seguinte pergunta: Quais os motivos que impedem hoje de você estudar?

O que impede é que eu não tenho mais paciência de estudar e cuido dos meus netos. E minha filha trabalha e só chegar no horário da noite, as vizinhas me chama para ir estudar, mas não tenho paciência, já estudei em 2015, só que esqueci tudo. Eu sabia contar, a professora passava contas para mim, porque não consegui tirar do quadro as palavras. (Maria, 2018).

E Joana relatou que *“cuida do neto é não dar para estudar”*. Assim trazendo o olhar para a fala de Maria, percebemos que a mesma destaca em sua fala *“não tem paciência para estudar”*, afirmação essa condicionadora para uma reflexão.

As situações apresentadas por meio de suas falas são semelhantes, ambas cuidam dos netos, mas no momento da entrevista é evidente que as duas gostariam de voltar para as salas de aulas. Sendo assim, as concepções de Couro proporciona o entendimento deste aspecto:

O desejo pela escolarização esteve presente durante a vida desses sujeitos desde a infância, quando não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos em *“idade regular”*, até chegarem à Terceira Idade. A privação que sofrem, seja por terem que sair para trabalhar ainda muito jovens, ou por falta de escolas públicas, levou estes sujeitos a uma condição de excluídos. (COURA, p.01)

Nesta afirmação entendemos as situações relatadas até o dado momento, visto que, Maria morava em uma localidade que não havia escola, e um amigo de seu pai a ensinava, mas a mesma relata na entrevista que não aprendeu, por isso que aos 13 anos foi trabalhar. E na fala de Joana, compreendemos essa mesma questão do trabalho. Mas, com uma diferenciação na região que Joana⁸ morava tinha-se escola, tornando possível seu acesso à Instituição de Ensino, mesmo com um período curto.

Mas, objetivando a informação de Maria apresentada acima em relação a sua afirmação sobre *“não tem paciência para estudar”* mesmo já tendo sido aluna da modalidade

⁷ Essa entrevista foi realizada na residência da entrevistada e gravada em um aparelho telefônico com permissão da mesma. Com duração de 28 minutos e 33 segundos.

⁸ Joana morou em uma localidade chamada Cachoeira do Mirim no período da infância e da adolescência.

EJA I em 2015, nas quais as aulas em dado momento lhe causou desânimo, pois como não consiga escrever as atividades do quadro e a educadora lhe tratava com “criança” informação esta repassada por Maria.

Neste contexto abordo a formação do professor, pois muitos educadores (as) abrangem esse caráter de infantilização dos adultos e dos idosos. E sabemos que a formação dos professores para Educação de Jovens e Adultos tem suas especificidades.

Entendemos, ainda, que essa pedagogia especial implica o respeito às especificidades da modalidade, e o respeito e o aproveitamento dos saberes dominados pelos jovens e adultos, e o respeito à heterogeneidade dos sujeitos que dela participam. (FÁVERO e FREITAS, 2011, p.367).

Assim, compreendemos que a formação docente deve abranger essas especificidades e os (as) educadores (as) devem buscar tanto na sua formação inicial quanto na continuada o entendimento das práticas pedagógicas favorece as necessidades dos sujeitos. Buscando por meio das ações educativas a interação dos mesmos e que os sentimentos de pertencimento desses espaços sejam evidenciados. Visto que, muitos dos sujeitos da EJA se sentem excluídos do ambiente escolar.

Neste prisma, para interligar com a discussão sobre o que impedem as entrevistadas de estudar, enfatizamos a seguinte pergunta: Quais as dificuldades que lhe fizeram desistir de estudar? Maria afirmou trazendo os relatos da sua adolescência:

Foi que eu comecei a namorar, e o meu pai não queria que eu namora-se. Ai, eu com raiva porque, ele me mandou ir mora na casa da minha tia, fui trabalhar na cozinha dos outros com 13 anos. Trabalhei durante cinco anos. Depois que parei de trabalhar voltei a morar com meu pai e o amigo dele começou a me ensinar novamente com 18 anos e parei porque casei. (MARIA, 2018).

No relato de Maria é notável as nuances que acontecerem em sua vida e assim é evidente a existência de um motivo condicionante que levam aos sujeitos em potencial de EJA, desistirem de estudar. E no relato de Joana, o trabalho foi o principal motivo que condicionou à sua desistência em frequentar uma Instituição de Ensino.

Neste contexto ressaltamos as resposta de Maria referente às seguintes perguntas: Você já sofreu algum preconceito por estudar na Educação de Jovens e Adultos? Você sabe o que é o ensino de Educação de Jovens e Adultos? A mesma relatou que não sentia preconceitos e não sabe explicar o que é EJA, posto que, em 2015 era estudante desta modalidade de ensino. No entanto, Joana nunca estudou na modalidade da EJA, quando frequentou o ambiente escolar, foi matriculada no ensino regular.

Portanto, é preciso que nos ambientes educacionais sejam discutidos sobre a Educação de Jovens e Adultos, principalmente para os seus sujeitos desta modalidade de ensino. Pois “a EJA é uma modalidade de ensino escolar com uma construção histórica singular, por isso é

importante situá-la e compreendê-la no seu percurso de existência”. (FERREIRA E CAMPO, 2017, p.69).

Sendo assim, esses sujeitos entenderão as questões interligadas das demandas das políticas públicas, possibilitam para os mesmos por meio das atividades desenvolvidas nas salas de aula o reconhecimento da sua cultural, do contexto social e as motivações que serão condicionadoras e estimulantes para a permanência nas escolas.

Abordando na ênfase das políticas públicas o entendimento do descaso que os representantes da nossa sociedade obtêm para com essa modalidade de ensino:

Durante muitos anos convivemos com a ausência de investimentos, ou de investimentos intermitentes na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Chegamos ao século XXI e por falta de políticas públicas assumidas como programas de Estado voltados para EJA, nos últimos 50 anos o nosso País não conseguiu garantir o direito à educação a um significativo contingente de jovens e adultos. (FERREIRA E CAMPO, 2017, p.70).

Portanto, entendemos a necessidade dos investimentos, das tomadas de decisão que englobam as políticas públicas para que todos os sujeitos tenham o seu direito garantido independente de raça, gênero, religião e classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho relatamos as impressões contidas na entrevista com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, sendo entrevistados dois sujeitos. Essas entrevistas nos possibilitaram reflexões acerca das concepções ressaltadas e discutidos tanto por Ferreira e Campo (2017) quanto por Favero e Freitas (2011). Sendo assim, os relatos e ponderações dos entrevistados propiciou fazermos as interligações expostas e pontuadas nos resultados.

Portanto, o sentimento de mudança rodeia-se em nossas ações, pois é preciso olhar diferente, ampliar a visão para a modalidade da EJA, levando em consideração as realidades dos sujeitos e seus contextos sociais sem que haja discriminação ou preconceito. E que futuros os/as educadores/as ou até mesmos os que lecionam na modalidade de EJA sejam sujeitos que possibilitem a conscientização dos (as) alunos (as) da Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

COURA. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: A terceira idade na Educação de Jovens e Adultos. P. 01-16.

FAVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. A educação de Adultos e Jovens e Adultos: Um olhar sobre o passado e o presente. INTER-AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação, UFG, v.1, 1975 – Goiânia: FE/PPGE, 1975 – V.36. n. 2, jul./dez./2011, p. 365-391.

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; CAMPOS, Ana Maria de. Educação de Jovens e Adultos como educação popular: direito a ser conquistado. Crítica Educativa. Sorocaba – São Paulo, v.3, n.3, ago./dez.2017, p. 66-77.

MOURA, Tania Maria de Melo. Os alunos jovens e adultos que buscam a Educação de Jovens e Adultos: quem são e o que buscam na escola. P.01-07.

